

# O Diário da Mariana

Luiz Carlos Cagliari

1

Hoje vou escrever o que estou pensando. A escrita é a minha fala sem que eu precise pronunciar nenhuma palavra. Tenho tantas ideias na mente que seriam precisos inúmeros livros para escrever tudo o que penso. Então, vou escrever um diário, relatando somente os pensamentos do momento. Um diário é também um livro de história dos meus pensamentos. Quando a gente escreve, pode voltar a pensar de novo as mesmas coisas e avaliar o que aconteceu depois. Quando a gente fala, o vento das palavras leva embora os sons da linguagem com seus pensamentos e eles nunca mais voltam. Vou começar escrevendo sobre onde moro e quem são meus amigos e o que acontece comigo.

2

O muro alto, com cerca elétrica e câmaras de vigilância divide o Condomínio Solárius das casas do bairro Rio do Ouro, na cidade de Ourolândia, onde moro. Nas cidades, os muros são separadores que definem lugares urbanos como as propriedades. A minha casa está em um terreno do bairro. A casa da minha amiga está em um terreno do condomínio. Todas as casas têm seus próprios terrenos. A minha cidade separa-se das demais com muros imaginários que o GPS marca direitinho. O Planeta Terra separa-se dos demais astros celestiais por muros que não sei imaginar, mas se eu for desenhar o Universo, a Terra aparece muito bem localizada e um GPS interestelar criaria uma linha divisória, separando o Planeta Terra dos demais corpos celestes.

3

Na sociedade, há muros imaginários que separam as pessoas. As barreiras dependem do prestígio dos indivíduos: eu nunca cheguei perto do prefeito de Ourolândia, nem do bispo, nem do pastor, nem do Sr. Otávio Serafim, nem do Brad Pitt. Porém, vivo grudado com minha mãe, com as gatas Duda e Bianca. Entre nós, não há muros e nos agarramos quando estamos precisando de um carinho. Às vezes, acontece de algumas barreiras serem transponíveis. Na minha sala da escola, a professora junta os alunos em brincadeiras e, nesses momentos, vivemos unidos como se todos nós fôssemos iguais uns aos outros. É um momento mágico na vida de todos. As brincadeiras nos recreios da escola e os passeios escolares visitando lugares interessantes, com as crianças andando pelas ruas como um batalhão sob o comando inteligente e atento da professora funde as almas da coletividade escolar em uma só alma alegre e feliz. São momentos de grande felicidade na vida de todos nós.

4

Tenho uma amiga que mora no condomínio Solárius. Ela não vê o mundo como eu, porque ela é rica. Os pobres ficam mais tempo pensando em como resolver os problemas da vida. Desde o nascimento, os ricos só pensam em riqueza e não precisam

se preocupar com as coisas do dia a dia. Nós somos amigas porque estudamos juntas na mesma classe. Eu já fui brincar na casa dela, mas ela nunca veio brincar na minha casa. Quando ela sai do condomínio, nós brincamos na praça, onde têm brinquedos, pedalinhas e um campinho de futebol, que é território dos meninos. Tem uma barraca de jornal e até um *trailer* que vende pastel e cachorro quente. Algumas meninas também jogam futebol antes dos meninos, aos domingos.

5

Minha amiga se chama Mary Anne. A família dela morou nos Estados Unidos e, quando eles voltaram, a Mariane nasceu e deram esse nome estrangeiro para ela. Eu me chamo Mariana. Eu achava que me chamava assim por causa das minhas avós Maria e Ana. Porém, minha mãe disse que gostava do nome e que ficou Mariana por essa razão. Há quatro anos que eu e a Mariane somos as melhores amigas. Passamos muitas horas juntas na escola e no parque. Mas, quando chegam as festas de fim de ano, a Mariane viaja e eu fico sozinha, somente com a Bianca, com a Duda e com a minha mãe, que está sempre muito ocupada. A Mariane tem um cachorrinho esquisito, chamado Théo, ou Theophylus, como a mãe da Mariane diz. Apesar de muito pequeno, Théo late muito e é antissocial.

6

Eu gosto muito de jogos, de quebra-cabeça, de brinquedos para deixar as crianças mais inteligentes e espertas. Apesar de rica, a Mariane tem poucos brinquedos de Lego. Eu tenho mais do que ela, porque sempre peço para minha tia e madrinha Gládis comprar uma caixa de Lego no Natal. Também ganho Lego no meu aniversário. No último aniversário, a Mariane ganhou um *tablet* e, agora, só fica olhando e mexendo naquele computadorzinho. Ela também tem um computador grande em casa. Eu não tenho. Aprendi a usar computador na escola e só lá posso ficar mexendo em um. Minha mãe me disse que, quando eu crescer mais, eu vou ganhar um celular para dizer para ela onde estou.

7

Hoje vou falar sobre pernilongos. No Rio do Ouro, que é um córrego que deságua num pequeno lago, onde fica o parque, há muitos pernilongos. No noticiário da TV, falaram que o prefeito não cuida bem da cidade e que ela está infestada de pernilongos. Na verdade, onde eu moro, não têm só pernilongos. A gente está acostumada a ver muitos bichinhos como aranhas, formigas, moscas, lagartixas, baratas e até animais maiores, como ratos. Eu perguntei para a professora na escola por que havia uma campanha contra os pernilongos e não contra os demais insetos. A dona Neusa disse que é porque os pernilongos estão transmitindo um vírus que pode causar febre e gripe e que podem até matar. A partir desse dia, comecei a observar os pernilongos para me proteger.

8

Pernilongos são pequenos insetos voadores, com asas, pernas longas e um bico enorme para chupar sangue. Quando eles picam, fica na pele uma bola inchada que coça muito.

Como eles são pequeninos, chupam somente um pouquinho de sangue e ficam pesados para voar. Para mostrar felicidade porque se alimentaram, passam perto da orelha da gente fazendo um zumbido chato, um tipo de *ziim*, que varia o som, à medida que eles fogem. Às vezes, há mais de um pernilongo querendo picar, principalmente quando ando pelo parque para pegar pitanga e acerola. No meu quarto, só aparece um pernilongo. Mas, outro dia, minha mãe matou um e logo percebi que havia outro voando perto de mim.

9

Minha mãe não gosta de barata, de aranha, de mosca. Detesta rato, mas nunca vimos um rato dentro de casa. As baratas entram de vez em quando, sobretudo depois que chove. Durante muito tempo fiquei pensando por que os insetos transmitem doenças. Que doenças? Na escola, afixaram uns cartazes contra a Dengue, que é a doença transmitida pelos pernilongos. Mas, não são todos os pernilongos, somente aqueles dos cartazes. Eles têm um nome esquisito e se chamam *Aedes Egypti*. Parece nome de gente, mas é nome estrangeiro.

10

Quando perguntei para minha mãe sobre a Dengue, ela me disse que todos os animais transmitem doenças. Eu não disse nada, mas não consegui dormir naquela noite. Agora tenho o perigo dentro de casa... Eu gosto demais da Bianca e da Duda e elas também podem ser vítimas de vírus que a gente nem sequer consegue ver ou saber onde eles estão. A dona Neusa disse que gato e cachorro são diferentes. São como gente. Pernilongo é uma peste, mas gato e cachorro são animais de estimação. Eles não vão fazer mal às pessoas que cuidam deles. Os veterinários cuidam dos *pets* como os médicos cuidam das pessoas. Minha mãe tem razão. Um dia, o Théo me mordeu e eu chorei muito. Mordida de cachorrinho não traz doenças. Eles não bebem sangue como os pernilongos. Basta fazer um curativo.

11

Na escola, passou um documentário sobre *O sentido da vida*. Eu aprendi que só existe um tipo de vida na Terra. Todos os seres vivos têm DNA e, apesar das diferenças quando grandes, os animais são todos feitos do mesmo modo, seja o pernilongo, o rato, o cachorro, o boi, a baleia e o urubu e eu. Todos têm vida, nascem e morrem. São seres diferentes das pedras, que não têm vida. No documentário, o cientista disse que a diferença entre nós, seres humanos e os ratos é de apenas 10%. Somos iguais em 90%. Durante a discussão sobre o documentário, ninguém na classe acreditou nisso. A professora explicou muitas coisas, mas não convenceu a todos. Eu me convenci. Achei muito importante saber que existe apenas um tipo de vida na Galáxia, a vida dos animais e das plantas na Terra.

12

Nos últimos dias, comecei a ver o mundo de modo diferente. Percebi que as plantas também têm vida e que, portanto, também são seres vivos. A vida das plantas criou

confusão na minha cabeça. Nós comemos plantas, alface, tomate, manga. Depois, eu pensei que também comemos peixe, boi, galinha. O pernilongo come nosso sangue. Naquela noite, foi difícil dormir e tive realmente um pesadelo filosófico, como disse minha mãe, estranhando o barulho no meu quarto.

13

De volta à escola, tomei coragem e fui conversar com a dona Alessandra, que dá aulas de ciências na escola. Ela confirmou meus novos e aterrorizantes conhecimentos e acrescentou outros, aumentando meus pesadelos sobre a vida. Ela disse que nós não somos uma coisa só, um único organismo biológico. Trazemos dentro de nós milhões de minúsculos bichinhos que chamamos de vírus e de bactérias. Nos olhos, há uma grande quantidade deles, mas não vemos, porque eles são muito pequenos e nosso olho não é microscópio. Ela queria me mostrar umas fotos tiradas por cientistas, usando poderosos microscópios. Mas achei melhor acreditar do que ver.

14

Durante duas semanas, fui às aulas, brinquei no parque, fui à casa da Mariane ver como funcionava o *tablet*. Ela já tinha um celular e ficamos explorando a Internet. Choveu, e durante a tarde, fiquei em casa, fazendo lição e vendo televisão. De vez em quando, vinham à minha mente os bichos, as plantas e as pessoas. Mas eu desviava o pensamento, preferindo ver algum programa de televisão. Com isso, as noites foram tranquilas. Tudo estava em ordem.

15

A Carol faltou à aula ontem e hoje. Ninguém sabia por quê. Ela mora no centro da cidade e ninguém vai à casa dela, nem ela vem na minha casa ou na casa da Mariane. Minha mãe a convidou para a festa de meu aniversário, mas ela não veio. No dia seguinte ao aniversário, me deu um estojo de presente na escola. Foi muito legal da parte dela. A dona Lígia entrou na sala, o que acontecia somente em caso importante, e a diretora disse que a Carol não viria às aulas nos próximos dias, porque estava com a Dengue. Todos nós ficamos chocados, olhando um para o outro, com medo de uma doença perigosa que chegou bem perto. Aí, me lembrei novamente do pernilongo e do *ziim* nos meus ouvidos. Como um bichinho tão pequenino podia ser tão maldoso! Dona Lígia mandou observar os pernilongos, os que tinham umas faixas amarelinhas eram os perigosos. Para piorar o dia, naquele dia, parecia que havia pernilongo por toda a parte.

16

Passou uma semana e a Carol não foi à escola. A Mariane me disse que a Dengue pode complicar e a Carol devia ter ficado mais doente do que outras pessoas que pegam a Dengue. A classe ficou comentando que a Carol podia morrer. Essa ideia apavorou o grupo. Todos esperavam uma notícia ruim ou a Carol de volta. Felizmente, ela voltou. Estava abatida e triste. Disse que sofreu muito. Um grande mal-estar no corpo, febre, falta de apetite, tristeza, sentimento de abandono no quarto. Ficava o dia todo deitada só

pensando em coisa ruim. Não aguentava ler, escrever, nem assistir televisão. Mas ela voltou e é, de novo, a colega de sempre.

17

Na sexta-feira, houve uma palestra na escola sobre comida saudável. A dona Cristina falou que comer carne vermelha faz mal. Era para comer peixe, porque peixe não tinha carne vermelha, mas branca. Podia comer verduras, vegetais, frutas, porque elas não sentiam, não eram mortas, como os bois e os porcos. A palestra gerou muita discussão e polêmica. As ideias sobre a vida voltaram a atormentar o meu sono e o meu dia. Minha mãe fez salmão e ele tinha carne vermelha e era peixe. Será que a dona Cristina, que é vegetariana, come salmão? Porco tem carne branca como os peixes. Então, vegetariano pode comer carne de porco? Será que a dona Cristina sabe que os vegetais, as alfaces, as árvores, as plantas também têm vida e que a vida é uma só sobre a Terra? Na discussão, depois que acabou a palestra, eu disse que, em casa, a gente era 90 % vegetariano, mesmo comendo um bife por dia. Ninguém comia só carne. No ano passado, o professor de história disse que o homem era um macaco que ficou inteligente porque comia carne. A escola, às vezes, confunde a mente das crianças. Mas, eu sempre acreditei nas ciências e, um dia, eu vou ser cientista.

18

A comida é algo de que somente os seres vivos precisam. Pedra não come. Água não come. Então, fiquei pensando em comida. Nunca tinha pensado em comida como um problema filosófico, como diria minha mãe. Para ela, tudo o que ela não entende é um problema filosófico. Mas eu gosto de entender tudo o que penso. No parque, sentados num banco, puxei conversa sobre comida com a Mariane e o Augusto. A Mariane acha que comida é questão de gosto. Ela gosta mesmo de cachorro quente. O Augusto gosta de hambúrguer com batata frita. Eu, por um instante, não sabia do que gostava e do que não gostava. Meu problema ainda andava ligado à discussão sobre a vida. Minha conversa desagradou os outros dois e passamos, então, a falar de doces e de sorvetes. Bem na frente, estava a cantina.

19

No domingo pela manhã, encontrei a dona Lígia no parque com seu cachorrinho, que andava pela grama, latindo agudo para todos que passavam por perto. Dona Lígia mora perto da minha casa. Ela sentou-se no banco ao meu lado e começou a falar, como sempre fazia, não parando nunca e falando de todos os assuntos misturados. Disse que tinha mandado dedetizar a casa porque começou a aparecer baratas. Ela disse que detestava baratas. A Prefeitura devia acabar com elas, mas não fazia nada. Eu falei da palestra sobre a vida. Ela me olhou com um olhar de diretora de escola e disse: *Menina, você devia ser cientista.*

20

Estou escrevendo estas coisas em um diário que ganhei da Mariane no meu último aniversário. Agora que sei escrever e ler, gosto de ler e de escrever. Ninguém sabe o que

se passa na minha mente quando eu leio uma história ou um livro de curiosidades científicas, pelas quais passei a me interessar. Minha mãe disse que eu devia ler também livros de ficção científica, se eu quisesse ser cientista. Acho que é uma ideia filosófica de minha mãe. A leitura me faz gostar de escrever no meu diário, como estou fazendo agora. Ninguém sabe o que escrevo no meu diário. Porém, para mim, é o livro da minha vida e, de vez em quando, eu gosto de ler o que pensava e escrevia. O tempo muda e a gente também, mas o diário continua sempre o mesmo. Acho que quando crescer, vou ser cientista e escrever livros de curiosidades científicas para as crianças.